

O ETHOS DISCURSIVO NAS REDAÇÕES DE VESTIBULAR

Marcia de Oliveira Gomes (UERJ)

marcya79@hotmail.com

*Ecrire c'est ébranler le sens du monde, y disposer une interrogation indirecte, à laquelle l'écrivain, par un dernier suspens, s'abstient de répondre. La réponse, c'est chacun de nous qui la donne, y apportant son histoire, son langage, sa liberté*⁶⁸ (BARTHES, 1963, p. 11).

Barthes (1963) atribui ao ato de escrever uma função revolucionária: sacudir o sentido do mundo, propondo questionamentos aos quais cada leitor responderá, segundo sua própria experiência. Escrever, para ele, é, enfim, redescobrir o mundo e a si mesmo.

Essa noção, entretanto, é, via de regra, negligenciada no aprendizado escolar, que restringe o exercício da escrita à produção de redações, visando ao desenvolvimento dessa técnica para aplicação no exame vestibular.

A inegável importância da redação no processo de triagem dos candidatos mobilizou a indústria do bem escrever, por meio de cursos preparatórios e manuais didáticos, que, na tentativa de apresentar atalhos para a longa caminhada de um real aprendizado da língua, acabam aprisionando o educando em uma série de normas, por vezes incoerentes e contraditórias. Segundo GOMES (2012, p. 27):

É fundamental ter em mente que ler, compreender, interpretar, organizar as ideias e, por fim, passá-las para o papel é um processo que requer uma formação sólida, podendo ser ajudada por manuais de redação, mas não substituída. A utilização desse tipo de material, portanto, deve ser feita de forma crítica, a fim de se tomar as instruções como sugestões, não como mandamentos.

A submissão acrítica às regras, somada às condições de produção da redação de vestibular (uma situação artificial, em que o texto, escrito em tempo limitado sobre um assunto que não necessariamente se domina, é submetido à avaliação) levam o candidato ao desafio de expor seu

⁶⁸ Tradução livre: "Escrever é sacudir o sentido do mundo e propor uma interrogação indireta à qual o escritor, em última análise, abstém-se de responder. A resposta é cada um de nós que a dá, fornecendo-lhe sua história, sua linguagem, sua liberdade".

ponto de vista (quando se trata do modo argumentativo do discurso) e ainda corresponder à imagem almejada pela banca examinadora.

Considerando tal contexto, o presente artigo, que resulta da tese de doutorado homônima, visa a observar a imagem constituída nas redações argumentativas de vestibular, verificando, a partir das escolhas linguísticas dos estudantes, a representação discursiva que eles constroem de si para defender sua tese.

Para alcançá-la, trabalhamos com o conceito de *ethos discursivo*, ou seja, a “imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário”. (CHARAUDEAU & MADINGUENEAU, 2008, p. 220).

O *corpus* da pesquisa se constitui de cem redações, integrantes da segunda fase dos vestibulares 2006 e 2007, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Seu estudo preliminar revelou as ocorrências mais expressivas, que organizamos em categorias para focar na análise. São elas: os modalizadores, as pessoas do discurso e a seleção lexical.

Modalizadores são palavras ou expressões que indicam as intenções, sentimentos e atitudes do enunciador. Tais mecanismos se organizam, tradicionalmente, em deônticos e epistêmicos. O primeiro se refere aos valores de permissão, proibição, obrigação e volição.

Exemplos:

Ele *pode* fazer isso. (permissão)

Ele *tem de* fazer isso. (obrigação)

Ele *não pode* fazer isso. (proibição)

Eu *quero* que ele faça isso. (volição)

Já o segundo se relaciona ao campo do conhecimento e da crença diante de um fato, exprimindo diferentes graus de certeza. Castilho e Castilho (1993), em seu estudo sobre os advérbios modalizadores, dividem a modalidade epistêmica em três subclasses: os asseverativos, os quase asseverativos e os delimitadores.

Os asseverativos implicam um alto grau de adesão ao conteúdo enunciado, demonstrando que o falante o considera digno de crédito. Exemplo: *É certo* que ele fará isso.

Os quase asseverativos estabelecem um menor grau de certeza, i-sentando seu produtor da responsabilidade sobre a asserção. Exemplo: *Eu acho que ele fará isso.*

Já os delimitadores marcam os limites em que o enunciado pode ser considerado verdadeiro. Exemplo: *Atualmente*, ele faz isso.

Os autores em questão tratam, ainda, da modalidade afetiva, que envolve a emoção do produtor diante do conteúdo. Exemplo: *Infelizmente*, ele faz isso.

Outro fator observado no *corpus* foram as pessoas do discurso. De um modo geral, os manuais de redação prescrevem o uso da terceira pessoa do singular ou da primeira do plural. Aquela com o intuito de simular um discurso objetivo e impessoal, conferindo maior credibilidade ao texto. Esta para funcionar como plural de modéstia, compondo um sujeito coletivo, que compartilha suas ideias.

Apesar do veto desses compêndios à primeira pessoa do singular, deparamo-nos, na análise do *corpus*, com seu emprego, o que não configura, necessariamente, dano à encenação argumentativa, uma vez que o mesmo pode transmitir o *ethos* de alguém que se compromete com suas palavras, por exemplo, compondo uma eficaz estratégia discursiva.

No tocante à seleção lexical, observamos por meio das escolhas linguísticas dos vestibulandos sua formação ideológica, ou seja, a visão de mundo de uma dada classe social, reproduzida pela formação discursiva, que a materializa linguisticamente. Para Fiorin (2003, p. 32):

Essa formação discursiva é ensinada a cada um dos membros de uma sociedade ao longo do processo de aprendizagem linguística. É com essa formação discursiva assimilada que o homem constrói seus discursos, que ele reage linguisticamente aos acontecimentos. Por isso, o discurso é mais o lugar da reprodução que o da criação. Assim como uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação discursiva determina o que dizer.

Ecoar a formação discursiva do outro, nesse caso a voz institucional, inscrita na proposta de redação, ou a visão social vigente, pode se mostrar valiosa estratégia argumentativa, uma vez que promove uma identificação do interlocutor com o que está sendo defendido. Procuramos alcançar tal formação por meio da análise dos principais campos associativos relacionados aos temas das propostas. Segundo Bally (1940 *apud* ULLMANN, 1977, p. 500):

O campo associativo é um halo que circunda o signo e cujas franjas exteriores se confundem com o ambiente... A palavra *boi* faz pensar: 1) em “vaca,

touro, vitelo, chifres, ruminar, mugir” etc.; 2) em “lavoura, charrua, jugo”, etc.; finalmente 3) pode evocar, e evoca em francês, ideias de força, de resistência, de trabalho paciente, mas também de lentidão, de peso, de passividade.

Observemos o processo de construção do *ethos* na redação abaixo, tendo em vista as categorias linguísticas mencionadas.

Redação

LÍNGUA PORTUGUESA INSTRUMENTAL COM REDAÇÃO

Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 2006

Nominavel Soromenho,

a vida humana é importante quando se tem nomes. O que se diz de mil ou dois mil mortos em uma tragédia é sempre “que chato” ou “terminal”. Já na história triste aparecerão pessoas em prantos e chorados.

Dizer que os humanos valem mais que a vida no resto do planeta é errado, o mais saliente é o trade. Humanos não são nada sem a natureza, além, porque morte não choca ninguém. Mas se todos perecerem não haverá mais humanos para entrar em prantos.

Isso se esqueceram as atrocidades dos seres humanos. Melhor outro igual, é um terminal crime, matar um animal, é errado mas aceitável, já matar uma planta, ninguém nota. Tudo por falta de nome. Calhoun tem nome, se eles momentaneamente entram em prantos.

Você, meu caro, preza a vida dos mortais, e não dos humanos. Com contatos para ensaios sobre a vida sem nome. E vemos que os personagens não têm valor algum. Seria como encerrar da vida - em concepção humana - sem nome.

Vale mais um nome que a vida? Espero que tenha notado que não. Capital e vida - na concepção geral - vale mais que qual quer nome. Não será triste a morte dos humanos pela tragédia natural, será a tragédia natural pelos nomes. Capital os seres com títulos reais se criam tais para inventar um valor ecológico, e despojar o valor vigente.

Promissivelmente,
um estudante

Trata-se de uma redação do exame vestibular 2006 da UERJ, cujo enunciado apresentava textos dos escritores José Saramago e Rubem Alves. Este demonstrava sua preocupação com a degradação do meio ambiente e defendia a necessidade de se preservá-lo; já aquele, embora admitisse a importância de se conservar a natureza, estabelecia o bem-estar humano como prioridade. O vestibulando deveria, então, escrever uma carta argumentativa destinada a um dos escritores, procurando convencê-lo da ideia oposta a por ele defendida.

Desse modo, no texto em questão, o enunciador defende duas teses em sua composição, explícitas em: “Dizer que os humanos valem mais que a vida no resto do planeta é errado, o meio ambiente é o tudo” (l. 5-6) e “A vida – na concepção geral – vale mais que qualquer nome” (l. 19-20).

A primeira atende ao enunciado da proposta de redação, introduzindo a discussão sobre os graus de importância da preservação da natureza e do homem.

A segunda encontra-se a serviço daquela, perpassando todo o texto a começar pelo vocativo provocador: “Nominável (sic) Saramago”. O neologismo *nominável* é, provavelmente, criado pelo desconhecimento do enunciador da palavra *nomeável*, cujo registro consta no VOLP (*Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*). Essa impropriedade lexical compromete a imagem do locutor.

Em seguida, critica a valorização da vida apenas quando personalizada por meio do nome: “a vida humana é importante quando se tem nomes” (l.1-2).

No segundo período, alude às supostas reações a mortos em tragédias: “O que se diz de mil ou dois mil mortos em uma tragédia é *sempre* ‘que chato’ ou ‘terrível’” (l.2-3). É interessante observar a gradação dessas respostas que vão do mesnosprezo, visto em “que chato” ao assombro, em “terrível” e, para, isentar-se desse pensamento atribui a um sujeito indeterminado pela terceira pessoa essa fala distante e fria. O modalizador asseverativo *sempre* é empregado para assegurar a certeza do dito.

Ao pesar a importância dos seres humanos e da natureza, cria um jogo antitético, no qual esta é associada ao *tudo* e aqueles ao *nada*. Em seguida, procura demonstrar o desdém dos homens em relação ao meio ambiente “Matar outro igual, (sic) é um terrível (sic) crime, matar uma

animal, (sic) é errado mas aceitável (sic), já matar uma planta ninguém (sic) nota” (l.10-2).

Atribui o adjetivo pejorativo *terrível* às mortes de seres humanos e o neutro *aceitável* à de animais. Já a frase *ninguém nota* traduz a indiferença reservada às plantas.

Assim, configurando uma imagem cruel para os homens, em geral e, deixando claro que seu pensamento diverge do deles, cria para si um *ethos* solidário, demonstrando que, ao contrário da maioria, ele se importa com o meio em que vive.

No decorrer do texto, outras escolhas lexicais reforçam esse efeito, caracterizando positivamente a natureza: *nobreza ecológica* (l.22), negativamente o homem: *atrocidades dos seres humanos* (l.10), e as consequências das ações destes sobre aquela: *tragédia* (l. 20-1).

Se, em princípio, o enunciador tece seus comentários na terceira pessoa em consonância com a impessoalidade da cena genérica das redações de vestibular, nos dois últimos parágrafos, seu texto ganha um tom mais pessoal.

Logo, estabelece um diálogo com o escritor: “*Você, meu caro*, preza a vida dos nomes, e não dos humanos, caso contrário (sic) faria ensaios sobre a vida sem nome. E *veras* (sic) que os personagens não terão valor algum” (l.14-6).

Ao usar o pronome *você*, ele inscreve diretamente seu interlocutor no discurso para, em seguida, empregar a expressão, *meu caro*, que traz um tom irônico, visto ficar claro que ele não estima o escritor e sua opinião. Dessa forma, constitui uma fala ameaçadora à face positiva do destinatário, não só pela crítica, mas pelo tom agressivo que lhe arroga, prejudicando sua imagem.

Os danos ao seu *ethos* também são causados pela escolha da pessoa discursiva. O uso da segunda pessoa do singular, em *veras*, demonstra a tentativa de usar uma linguagem que lhe parece culta para criar um *ethos* de erudição. Ao falhar, entretanto, em seu registro ortográfico, causa efeito contrário.

A incoerência é outro fator prejudicial. O enunciador acusa Sarago de prezar os nomes, não abrindo mão deles em seus ensaios, sob o risco de os personagens perderem seu valor.

Em *Ensaio sobre a cegueira* (2008), conhecido romance de José Saramago, ocorre justamente o contrário. Os personagens não são individualizados por nomes próprios, mas tão somente por epítetos, como *a mulher do médico e a rapariga dos óculos escuros*, por exemplo. Há, portanto, um problema de conhecimento de mundo que inutiliza o argumento do vestibulando.

Mais adiante, faz uma pergunta retórica: “Vale mais um nome que a vida? *Espero que* tenha notado que não” (1.18-9). O modalizador sublinhado indica um desejo permeado de ironia de que o interlocutor tenha compreendido seu ponto de vista. Igualmente irônica é a despedida neológica “nominavelmente”, em consonância com sua argumentação. Assim, erige um *ethos* irônico e agressivo.

Desse modo, procuramos demonstrar, neste recorte da pesquisa, a importância de se habilitar o aluno a utilizar conscientemente os recursos linguísticos para a construção de um *ethos* discursivo que corrobore o que ele intenciona comunicar, evitando uma discrepância entre o idealizado e o que realmente se manifesta em seu texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARTHES, Roland. *Sur Racine*. Paris: Editions du Seuil, 1963.
- CASTILHO, Ataliba T. de; CASTILHO, Célia M. M. de. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo. *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP, 1993.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e discurso*. São Paulo: Ática, 2003.
- GOMES, Marcia de Oliveira. *O ethos discursivo nas redações de vestibular* – 2012. 196 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- UERJ. *Exame discursivo vestibular estadual 2006*. Disponível em: <http://www.vestibular.uerj.br/portal_vestibular_uerj/arquivos/arquivos2006/2006ed_lpi+red.pdf>.
- ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.